

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo
15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

**Veganismo, Modos de Subjetivação e Práticas de si:
narrativas da transformação do *self* em uma comunidade virtual**

Taiane Linhares¹

Resumo

O presente artigo tem por finalidade analisar as interações existentes na comunidade do Orkut “Veganismo”, cujos participantes optaram, visando questões éticas, por abandonar o consumo de produtos de origem animal. Com base em dois tópicos de discussão, serão destacadas as principais características que compõem os modos de subjetivação de seus participantes, isto é, a forma como elegem determinados problemas e formas de ação como focos principais de suas condutas éticas. A valorização da “transformação de si”, os esforços no sentido de definir o conceito de “libertação animal” e os limites a serem considerados no combate à “exploração animal”, são todas questões em debate nesse espaço de subjetivação coletiva na internet.

Palavras-chave: Veganismo. Transformação de Si. Consumo.

1. Introdução

A cada instante a sociedade convoca os indivíduos a assumir determinados papéis, o que não significa que a anuência às condutas morais propostas se realize de forma irrefletida. Assim como existem modos de assujeitamento, que se encarnam na moldagem dos corpos garantida pelas disciplinas, na gestão da vida organizada pelo biopoder e na “modulação da memória e suas potências virtuais reguladas pela noopolítica (redes hertzianas, audiovisuais, telemática e constituição da opinião pública, da percepção e da inteligência coletiva)” (LAZZARATO, 2006, p.86), há também formas de se constituir enquanto sujeito, estipulando a maneira como se deve conduzir a si mesmo frente a uma determinada regra: são os chamados modos de subjetivação.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, na linha Mídias e Mediações. taianelinhares@yahoo.com.br

Os modos de subjetivação são práticas de liberdade comuns a sociedades em que a moral é orientada para a ética, e não prioritariamente para a obediência a códigos fortemente prescritos. Esse é o caso de nossa formação social, em que as condutas morais se apresentam de forma difusa, deixando espaços para negações e negociações, mesmo que a existência simultânea de concepções alternativas de mundo freqüentemente ocorra de forma problemática, repleta de constrangimentos.

O presente artigo busca encontrar, através da análise de dois tópicos da comunidade “Veganismo” (com cerca de 7.400 membros), do site de redes sociais Orkut, as principais características presentes nos modos de subjetivação de alguns de seus participantes. Estão em foco igualmente o conjunto de práticas que, de seus pontos de vista, devem fazer parte do cotidiano dos veganos.

O veganismo é um posicionamento ético contrário à “exploração animal”, isto é, à utilização de animais em qualquer atividade que tenha por objetivo gerar benefícios à espécie humana, compreendendo que os animais, assim como os humanos, têm o direito de gozar de suas próprias vidas, longe de serem considerados mera matéria-prima em proveito da ciência, da indústria e do entretenimento. Embora sejam realizadas ações coletivas de protesto contra a “exploração animal”, é através do estabelecimento de um extenso conjunto de práticas no campo do consumo, que o vegano procura mudar a situação dos animais. A ascese vegana é caracterizada pelas seguintes atitudes: a rejeição a produtos com ingredientes de origem animal, como carne, leite, ovos, couro, lã, mel, gelatina, colágeno, corante carmim, entre outros; a recusa ao consumo de itens que tenham sido testados em animais, como é o caso dos remédios e de produtos de higiene pessoal e cosméticos produzidos por algumas indústrias; e o boicote a empresas que realizem ou patrocinem eventos que utilizem animais para fins de entretenimento, caso dos circos, rodeios, touradas e vaquejadas.

Nos dois tópicos de discussão escolhidos, “Vegetarianismo é crueldade” (172 postagens) e “Enganação vegana” (138 postagens), está em discussão a necessidade de modificar as próprias condutas para que se atinja a “libertação animal” – ou seja, o fim da opressão realizada pelos seres humanos sobre animais através do confinamento em granjas e fazendas para a extração de ovos e leite, ou tendo por fim o próprio abate, e da utilização de animais como cobaias em experiências científicas.

A transformação constante de si mesmo é um ideal amplamente valorizado por instituições da sociedade contemporânea, em especial a mídia. Através da tecnologia de governo neoliberal, a sociedade de controle transfere a responsabilidade pelo bem-estar, felicidade e sofrimento, das instituições de saúde e seguridade social para o próprio indivíduo (ROSE; O'MALLEY; VALVERDE, 2006). A “transformação de si” exigida pelos adeptos do veganismo, no entanto, não tem por finalidade a modulação da subjetividade de acordo com padrões socialmente estimados, mas pretende problematizar um paradigma fortemente arraigada na cultura ocidental, o “especismo”: a compreensão de que os seres humanos são superiores aos demais animais, o que lhes daria o direito de usufruir da vida de todos aqueles seres que não pertençam à sua própria espécie.

Nas próximas páginas será dada devida atenção às disputas presentes na comunidade “Veganismo”. Criado no ano de 2004, esse espaço de debates na web possibilita a interação entre veganos dispersos por todo o país, sendo, por vezes, a única forma de contato deles com pessoas que compartilhem desse mesmo ideal.

2. Um *Ethos*: a vida como obra de arte

É comum em comunidades relacionadas ao vegetarianismo a intervenção dos chamados “alfascistas”, perfis geralmente *fakes*, isto é, identidades fictícias, que têm como objetivo rebater os argumentos do veganismo e depreciar seus adeptos. Em uma dessas ocasiões, Rhul, perfil que supostamente pertence a um jovem de cerca de 20 anos fascinado pelo fisiculturismo, posta um tópico de discussões com o título “Vegetarianismo é crueldade”, em que apresenta um link para uma imagem em que vegetais possuem fisionomia animal, seguido da frase enfática: “comer vegetais... é CRIME!!!”. Inicialmente os participantes da comunidade demonstraram certo desdém em relação à postagem de Rhul, respondendo ao tópico apenas para deixar claro sua falta de originalidade. Enquanto discutiam a necessidade que têm os “alfascistas” de adicionar fisionomias animais a vegetais para demonstrar a existência de sofrimento, outro *fake*, Mr Yagami, argumenta que tal recurso tem por finalidade mostrar como seriam os vegetais se pudessem demonstrar o que sentem. Mr Yagami apresenta seus motivos para continuar consumindo carne:

Faz parte da natureza, eh um ciclo natural, temos caninos para agarrar a carne, vcs protegem apenas os herbívoros por acaso? Seríamos todos

herbívoros se não fosse para comermos carne. Q a meu ver eh um amontoado de moléculas, proteínas e aminoácidos, com água e vitaminas. Não tento enxergar a expressão q o animal fez antes de morrer... Mesmo pq animais mortos não possuem sentimentos. Se a batalha fosse por abates mais limpos e etc.. eu apoiaria.. Mas eh altamente ilógico e anti natural se tornar um Vegan.

Baseado em um discurso que presa por aquilo que seria supostamente “natural do ser humano”, Mr Yagami arrisca distinções que resultam na construção de padrões de normalidade que julga imanentes ao homem enquanto espécie. Ao ser questionado se, sendo a carne apenas um amontoado de moléculas, comeria o corpo de um parente já morto, Mr Yagami afirma que não, pois o canibalismo “já não é mais tão natural”. Nesse ponto da discussão ocorre entre os veganos um questionamento sobre o que seria de fato natural, já que, como fora lembrado, entre algumas tribos praticava-se o canibalismo. Lucas decide desconstruir a ideia do “natural”:

Mr Yagami, antes de falar qualquer coisa, se informe. Sinceramente, esse argumento de "ciclo natural" tá tão batido que nem sinto mais entusiasmo pra responder. Certamente deve ser bem natural viver em prédios e ter toda essa versatilidade que a tecnologia traz às nossas vidas, né? Nada foi inventado, nada é artificial, é tudo 100% natural! Aaeaeaeaeae!!!
Se tem uma coisa que o onivorismo humano deixou de ser há muito tempo, essa coisa seria "natural". Além de não ser, absolutamente, nada necessário.

Hardt e Negri (2002), inspirados no trabalho de Jameson, indicam o momento atual como marcado pelo fim da natureza, ao que Rose (2001) corrobora ao afirmar que até mesmo o natural tem que ser produzido com base em um trabalho sobre si mesmo. Lucas chama atenção em sua postagem para o poder da invenção, em detrimento ao “natural”, ressaltando que o cotidiano está permeado por cultura. O veganismo estaria além do argumento do que é ou não típico do ser humano enquanto espécie, sendo possível justamente pela potência de criação que permite que se modifique a própria forma de pensar e viver o mundo. Rhul reaparece utilizando um argumento que dará forma à discussão principal que se estenderá até as últimas postagens:

Só não vejo lógica em deixarmos de comer carne q possui nutrientes pra viver a base de complementos alimentares e 500 tipos de salada. Não é mais saudável, nem mais saboroso. Não vai salvar os animais e mesmo pq não tem como salvar os animais da morte certa..... até a gente vai morrer... pra q ficar tentando salvar então?

A questão que se põe a partir de então é: “Por que reestruturar a lógica pela qual se compreende a relação entre nós, animais humanos, e os demais animais, além de modificar os hábitos mais corriqueiros do dia-a-dia, para abolir o sofrimento e a exploração animal?”. Lucas, enfaticamente, expõe aquilo que o motiva a adotar o veganismo. Chamando seu interlocutor a se pôr no lugar dos animais, ele rebate os argumentos, que considera conformistas.

A questão não é se eles morreriam ou não se estivessem em meio natural, porque isso é lógico. A questão é: animais têm seus próprios propósitos e não cabe a nós decidi-los, manipulá-los e finalizá-los. Isso é especismo. Será mesmo que vc acharia agradável que, desde o seu nascimento, sua vida fosse pré-determinada? Será que seria legal ter um tempo de vida pré-determinado apenas pra servir pro paladar das pessoas? Será que é vida passar o tempo inteiro enclausurado, com comida empurrada goela abaixo só pra engordar, sendo maltratado, escravizado desde o nascimento? Claro que todos vamos morrer, nem por isso vamos determinar a finalidade de cada um a partir do momento que nascem até sua morte.

Outros participantes, como Tânia, insistem na mesma necessidade de encontrar pontos de interseção entre os interesses dos animais humanos e os dos animais não-humanos: “Se o animal sente dor, medo, terror, fome, sede, como nós, não temos o direito de causar-lhe este sofrimento”. Para Rhul, embora diga que os humanos não devem definir como os animais têm que viver, Lucas acaba por interferir na forma como vivem a partir do momento em que luta por seus direitos. Apesar da insistência dos participantes em explicitar semelhanças entre animais humanos e não-humanos, como é o caso da capacidade de sentir dor e sofrimento, Rhul demonstra sua desconfiança sobre os verdadeiros valores da ética vegana, acusando seus adeptos de, verdadeiramente, sentirem-se superiores aos demais animais, opinião que será reiterada por Mr Yagami mais adiante, quando critica o “super humano”, indivíduo que se põe na posição de se preocupar não apenas com sua espécie, mas com todas as outras. Lucas diz se abster de produtos de origem animal simplesmente por possuir empatia por eles. Ele chama de comodismo o consumo de carne, qualificativo que reaparecerá inúmeras vezes no decorrer do tópico. Salieta que tenta interferir em algo que não deveria estar acontecendo, assim como fazem anti-sexistas, anti-homofóbicos e anti-racistas.

A analogia dos ideais de libertação animal aos de outros movimentos sociais que se empenham em dirimir desigualdades, é freqüente em outros tópicos da comunidade

“Veganismo”. O fato do humano ser também um animal, faz, inclusive, com que alguns veganos considerem inevitável que qualquer um que defenda o fim da exploração animal se empenhe, de alguma forma, na luta pelo fim dessas assimetrias. Esse posicionamento resulta na expansão do ideal de libertação animal também aos “animais humanos”. Rhul sugere que Lucas se comprometa com o combate ao sexismo, à homofobia e ao racismo, problemas que considera “sociais, humanos e que de fato fazem a diferença”. Sobre os animais, Rhul aconselha Lucas a esperar que “a seleção natural faça animais mais fortes e inteligentes, capazes de se defenderem por conta própria”. Lucas fica surpreso com tal declaração, perguntando, até mesmo, se Rhul falava sério. Ele aponta então mais um motivo para lutar pelo fim da exploração animal: os animais não podem fazê-lo por si mesmos. Mr Yagami, por sua vez, insiste no argumento “alfascista”: as vacas não pediram a ajuda dos veganos. Lucas, impaciente, pede que ele admita que não se importa.

Logo em seguida, Mr Yagami assume que estava na comunidade apenas para sacanear os veganos, e declara que não se importa que eles protejam os animais e nem pretende convencê-los do contrário, pois, apesar de tudo, julga essa uma causa nobre, porém perdida. Após algumas postagens, Rhul, que pretende se tornar fisiculturista, admite: “Eu estou do lado de vocês. Infelizmente no meu estilo de vida, sem fontes animais eu não conseguiria chegar onde desejo. Mas considero isso um defeito meu”. Considerando as similaridades nos discursos dos dois “alfascistas”, Lucas arrisca afirmar que se tratam de uma mesma pessoa, possibilidade que fica em suspenso.

O fato de Rhul concordar, supostamente, com os argumentos veganos, mas mesmo assim não se empenhar em uma mudança de postura, desperta críticas dos participantes da comunidade: “o seu desejo e estilo de vida vale mais que as milhares de criaturas sencientes que estão sendo escravizadas, torturadas e mortas por sua causa?”, indaga Bedrock; “alguém que põe algo assim como impedimento pra fazer o que sabe que é certo não pode prestar...”, afirma Valéria. Em tom amistoso, Rhul questiona o fato de, sendo defensores de todas as espécies animais, às vezes os veganos serem intolerantes com a sua própria. Lucas justifica sua conduta frente à crítica comumente lançada aos veganos:

Não posso falar por todos, mas minha intolerância a determinadas pessoas não é à toa. O problema é que acham que só a violação de direitos humanos é que é vista como algo repulsivo, e por isso se tornam intolerantes a esses atos. Mas esquecem que a senciência não é característica humana, apenas, e

por isso quando alguém defende, por vezes arduamente, os direitos animais somos tachados de "intolerantes", "arrogantes" etc. Se vc tem a consciência de todos os males e ainda assim não tá nem aí, e, pior, vem numa comunidade de veganismo (onde ninguém pediu NADA de vc) fazer piadinhas e tratar nossa luta como algo "inaceitável", o intolerante aqui é vc.

É comum que, durante as discussões na comunidade "Veganismo", alguns tópicos percam totalmente seu enfoque inicial, levando, por vezes, à troca gratuita de ofensas. Esse é o caso do presente tópico, que em menos de 10 dias recebeu cerca de 170 postagens. Em certo ponto da discussão, a escolha pessoal de Rhul pelo padrão estético do fisiculturismo começa a ser questionada e sua capacidade intelectual é posta em dúvida. Em um determinado momento, Fabi e Rhul passam a se ofender e a competir no intento de mostrar quem lia mais livros, discussão que acaba na acusação de mau uso, por parte de Rhul, da língua portuguesa. Apesar de se configurar como um ambiente informal, o uso correto da língua e a capacidade de argumentação são considerados capitais culturais estimados na comunidade "Veganismo".

Rhul tenta voltar à motivação inicial do tópico: a justificativa dos veganos para comer vegetais e não comer animais. Eric sintetiza sua opinião dizendo: "Cara, animais sentem basicamente o mesmo que nós, já vegetais não sentem nada de nada. Se podemos escolher, então é óbvio que a coisa mais correta e justa a se fazer é comer somente os últimos. É só isso, bem simples mesmo". Lucas completa explicando que:

Animais são sencientes - eles demonstram reações negativas a danos físicos e psicológicos a eles infligidos, eles querem a sobrevivência e lutam por ela (caso contrário uma lebre não correria de uma onça, por exemplo). Características essas que não se aplicam a vegetais, tubérculos, plantas, grãos etc. Acho que vc já deveria ter percebido isso.

Rhul acusa novamente os foristas de serem agressivos, ao que Lucas rebate dizendo que boa parte dos participantes da comunidade tem muita paciência com aqueles que mostram interesse em mudar. Demonstrar vontade de modificar os próprios hábitos é pressuposto para que os *outsiders* sejam aceitos na comunidade "Veganismo":

E concordo que agressão não leva a nada, é o que sempre falo - mas convenhamos que vc falou que não pretendia mudar mas ainda assim insistiu em querer inventar uns argumentos absurdos, o que mostrava que vc claramente não tava querendo uma conversa com o intuito de mudar de hábitos. Talvez por isso muita gente tenha perdido a paciência contigo.

É em torno do ideal da “transformação de si mesmo” que se desenrolam as principais discussões da comunidade que, sendo dedicada aos adeptos do veganismo, reúne sujeitos que decidiram investir em todo um trabalho ascético de modificação de seus modos de vida para dar forma a uma existência que possa afirmar sua própria liberdade e em que seja possível se reconhecer e ser reconhecido pelos outros, servindo de exemplo à posteridade (FOUCAULT, 2006). Nesse trabalho de si sobre si “o indivíduo não deve se reconhecer como imperfeito, mas sim como indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar” (FOUCAULT, 1985, p. 62-63), por isso ocorre uma censura ao comodismo e exigência de uma postura ativa frente aos próprios comportamentos.

Recusar as formas impostas de subjetividade que, nesse caso, afirmam o consumo de carne e demais substâncias de origem animal – assim como a própria utilização desses seres como objetos em benefício da espécie humana – como padrão de normalidade, deve ser considerado um ato político se utilizarmos a concepção foucaultiana de “política como ética” (ORTEGA, 1999). Lazzarato compreende a política em termos bastante similares aos de Foucault: “Podemos falar de crítica ou ação política toda vez que presenciamos a negação do que existe, (...) e que, através desta recusa, desta subtração, se abra o espaço constituinte da criação de possíveis” (LAZZARATO, 2006, p. 129). A capacidade de inventar a si mesmo é atributo principal do que Foucault em seus últimos livros chama “artes da existência”, isto é

práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também buscam se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e respondam a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 1984, p.15)

As artes da existência dos veganos são dominadas pelo princípio de que para cuidar dos outros é preciso ter atenção para consigo mesmo, para com seus atos e pensamentos, ou seja, por um cuidado de si. É preciso que o sujeito tome a si mesmo como objeto, que se constitua como sujeito moral de sua própria conduta. Para tanto, entram em jogo modos de subjetivação e todo um conjunto de “práticas de si” que os apóiam (FOUCAULT, 1984). Observar as narrativas construídas na comunidade “Veganismo” nos dá acesso justamente à forma como seus participantes se constituem como sujeitos e nos oferece pistas sobre a

ascese que auxilia esse processo de tomada de si, estabelecendo um panorama do modo como transformam suas vidas em obra de arte.

3. Uma Ascese: problematizando o consumo

Muitas são as discussões na comunidade “Veganismo” que tratam do conjunto de práticas que devem ser levadas a cabo pelos veganos. Esse é o caso do tópico intitulado “Enganação Vegana”, postado por Martin para criticar veganos que, segundo ele, são picaretas, isto é, que consomem primeiro os produtos e depois vão procurar saber se é vegano, e que não sabem o nome de ingredientes básicos que podem ser de origem animal, mesmo quando a informação está disponível em comunidades, como a “SAC Vegano” (1.700 membros), na qual Martin é moderador. Para ele, esses veganos são acomodados: “A impressão que dá é que o sujeito não corre atrás da informação justamente pra não descobrir e ter que abrir mão de mais produtos”.

Martin atenta para a necessidade de manter uma postura desconfiada em relação às empresas, já que, muitas vezes, mentem ao afirmar que não utilizam ingredientes de origem animal em seus produtos. Matias não vê sentido no que Martin expôs e questiona no que se deve acreditar, então, senão nas informações da própria empresa. Martin responde que o simples ato de ler os rótulos é o suficiente para pôr em dúvida algumas “respostas ridículas” oferecidas por serviços de atendimento ao consumidor.

O consumo é o principal campo de problematização no veganismo. É nesse ponto que incide boa parte das práticas elaboradas pelos adeptos do veganismo para combater a utilização de animais na produção de bens. Lazzarato não vê a potência do consumidor a partir de seu poder de compra: “Os consumidores/clientes não agem politicamente, uma vez que se limitam a ‘melhor’ escolher aquilo que consumirão. A ação dos consumidores pode e deve ser situada no plano da definição de problemas” (LAZZARATO, 2006, p. 126). A atitude vegana não é uma recusa vazia, um boicote indiferente, mas um forte questionamento sobre práticas invisíveis, como é o caso dos testes realizados em animais, causando-lhes dor, sofrimento e morte.

A desconfiança em relação às corporações encontra espaço em depoimentos de outros participantes. Lilian, ao falar de uma portaria da Anvisa que obrigaria as empresas a realizar testes em animais, diz: “Essas empresas que dizem não testar estão mascarando

uma realidade que é mais grave do que pensamos. Enquanto nos iludirmos com isso de ‘tem empresas legais que não testam’ estamos sendo enrolados e isso é uma forma de não nos mobilizarmos contra essa portaria nazista!”. Para Gattsu, a única forma de tornar o veganismo mais acessível é através do surgimento de indústrias confiáveis que produzam produtos veganos.

Em “A Felicidade Paradoxal”, Lipovetsky anuncia a entrada em cena dos “novos consumidores ‘engajados’, ávidos por selos éticos e produtos com sentidos associados à defesa das crianças, dos famintos, dos animais, do meio ambiente, das vítimas de todo tipo” (LIPOVETSKY, 2007, p. 134). Esses indivíduos, que tomam o lugar ocupado anteriormente pelos militantes políticos, atuam em uma época marcada por um consumo reflexivo que se utiliza de conhecimento midiático-científico para se concretizar. Embora reconheça a capacidade de tais consumidores de mudar e questionar o existente, Lipovetsky ressalta que não está na passagem a uma economia mais sóbria a oportunidade de extinguir a sociedade de hiperconsumo.

No decorrer do tópico, os adeptos do veganismo apontam ao mesmo tempo para muitos caminhos, um deles é a diminuição do consumo a partir da fuga dos produtos industrializados. Everton, que alega não confiar em quase marca nenhuma, acredita que “o caminho é mais natural possível”. Hugo concorda, ao dizer que “industriais no Brasil irritam e dão muito trabalho”, por isso ele prefere “ir na feira e comprar umas frutas”. Carlos sugere que comecem a substituir os produtos industrializados por alternativas caseiras e propõe que comecem a listar as opções viáveis. Mais à frente, no tópico, Valesca declara que, depois que passou a se informar melhor em sites e no Orkut, deu-se conta de que o veganismo não era apenas excluir carne, leite e ovos, era mais complicado do que imaginava, por isso decidiu cortar os industrializados e produzir boa parte daquilo que consome. Esse posicionamento se dá, principalmente, devido à existência de compostos como, por exemplo, o INS 422 (glicerina) e o INS 120 (carmim) que, por se apresentarem em códigos, não deixam pistas sobre sua possível origem animal. Tais declarações que apontam um recuo no consumo de produtos industrializados por parte dos veganos, sugerem uma revalorização do “faça você mesmo”, principalmente na esfera da alimentação. Comunidades do Orkut como a “Receitas Vegan/Vegetarianas” (18.000 membros) e a “RECEITAS ÉTICAS” (4.000 membros), possibilitam o compartilhamento de informações culinárias.

A relação entre os veganos e os produtos testados em animais também não é nada simples, já que nem sempre é possível descobrir a ocorrência prévia de testes nas matérias-primas utilizadas na fabricação de um bem. Para Michele, os veganos rejeitam os itens testados na medida do possível, critério esse que acaba soando um tanto relativo.

Na verdade TODO vegano usa algum produto testado, nem que seja o combustível da condução que ele usa, se mora na cidade... as tintas da roupa... enfim, é impossível não usar nada que teste. Nós, veganos, ao meu ver (e de muitos outros veganos) procuramos evitar os testes ao máximo, e propor novas formas de testes que não sejam em animais, mas enquanto a política ainda libera tais testes, não estaremos livres deles. E muitos veganos aqui não usam produtos testados realmente "indispensáveis" até porque o indispensável vai de cada um.

4. Nem tão flexível, nem tão radical: intensidades variáveis na ação vegana

O tópico de discussões aberto por Martin é atravessado, de um lado a outro, pela tentativa de definir a intensidade do engajamento que deve ser exigido de cada vegano em suas práticas cotidianas. A amplitude do investimento varia de posições mais ascéticas, que almejam uma total ruptura com as fontes de exploração animal, a uma postura flexível e mais aberta a negociações. Marcelo argumenta que há situações em que o extremo rigor com a procedência dos alimentos deve ser deixado de lado: "já me vi inúmeras vezes em situações sem saída, principalmente em viagens a lugares isolados, quando às vezes minha única opção era ou passar fome por 2 dias ou comer um macarrão com legumes cuja massa sabidamente levava ovo". Ele acredita que a pior "picaretagem" não é o desleixo em relação às práticas veganas, mas "a falta de embasamento teórico, filosófico e científico pra argumentar em prol do veganismo". Marcelo insiste sempre em suas postagens na necessidade de tornar o veganismo mais acessível, o que apenas seria atingido se fosse exigido menos das pessoas. Para ele, o veganismo deve ser radical em suas intenções, mas palatável e de fácil compreensão para as pessoas. Ele condena o que chama de "patrulha", termo utilizado pelos veganos quando algum deles insiste em julgar a postura do outro frente ao veganismo, geralmente quando é levantado um ponto polêmico que divide opiniões.

Apesar de achar legal a postura de Marcelo, Martin não acredita que "exigir coerência" dos veganos seja fazer patrulha. Ele critica as pessoas que, de forma defensiva, dizem: "Ninguém é 100% vegano, gente!! Cada um faz o que pode e pronto!!! Cuidem de suas vidas! Tá querendo ser mais vegano que o outro!!!". Martin deixa claro que não está "falando

de pontos de vistas diferentes, de vegano que compra de tal marca e de quem não compra, de vegano que bebe e que não bebe, vegano ativista e não-ativista. Muito menos de situações de ‘come ou passa fome’”, mas está questionando o que cada um faz quando diz estar agindo dentro das possibilidades. De acordo com seu ponto de vista, está “dentro das possibilidades de todo mundo deixar de lado certos luxos, correr atrás de informações básicas (Fáceis de achar) e mandar e-mail às empresas”, esse seria “o mínimo que alguém pode fazer”.

Eric explica que discursos semelhantes ao de Marcelo são exemplares de uma onda recente do que chama de “flexitarianismo”, isto é, um discurso permeado por exceções motivadas pelo receio de ser tachado como radical. Marcelo rebate ao salientar que todos abrem exceções diariamente, já que a exploração animal está, até mesmo, na água que bebemos. As exceções se tornam necessárias, do ponto de vista de Marcelo, “pois para alguém fazer política não se pode viver num distanciamento completo da civilização”, estado que considera ser a “única forma de ‘veganismo puro’”. Marcelo pede mais tolerância em relação aos hábitos individuais, pois “tornar-se vegano é um aprendizado difícil”. Eric fica indignado com a opinião expressa por Marcelo: “cê tá realmente comparando uma coisa sobre a qual não temos absolutamente nenhum controle com legumes grelhados com manteiga? ‘Animais morrem nas plantações, seu vegano hipócrita, então me deixa aqui com a minha picanha’. Cruz”.

Para John, a parte alimentar é a mais fácil, é só não comer. Não acredita que alguém possa passar fome por causa do veganismo, pois frutas podem ser encontradas em qualquer lugar. Sônia, assim como Martin, acredita que, na dúvida sobre se o produto é ou não vegano, o melhor é não consumir, o que ela diz já ter feito inúmeras vezes. Vegana há pouco tempo, Ju Vegan disse ter refletido bastante lendo as postagens do tópico. Ela relatou inclusive que, na última viagem que fizera, resistiu à vontade de comprar uma manteiga da Unilever, empresa que realiza testes em animais, o que a deixou muito feliz. Para ela, resistir a essas tentações é fundamental. A satisfação em alcançar êxito na recusa a um produto que gera exploração animal, demonstra que “alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer” (FOUCAULT, 1985, p. 70).

Marcelo afirma que, se a parte alimentar fosse tão fácil, já existiriam muitos veganos por aí, se não é isso o que acontece, significa que o discurso vegano não está funcionando.

Eric acredita que a mudança proposta pelo veganismo levará no mínimo várias décadas para se concretizar, pois se trabalha com educação, que é uma ação indireta. No entanto, Eric insiste que “uma coisa é reconhecer limitações reais do mundo à nossa volta, outra é inventar desculpas pra uma derrapada”. Lucas identifica o seguinte problema no veganismo: as pessoas ficam frustradas porque esperam que ocorra uma mudança brusca. Ele acredita que não se deva ser tão exigente em relação a pessoas que nunca tenham ouvido falar em veganismo, pois os “hábitos ostentados que exploram direta e indiretamente os animais são impregnados de questões culturais”.

Martin, pela segunda vez, tenta retomar o foco da discussão que propôs. Ele diz não entender por que estavam falando tanto em “conversão, em facilidade em parar de comer carne, no tempo pra se tornar vegano, em exigir que alguém se torne vegano de uma hora pra outra e facilidade de encontrar produtos” se ele não havia nem mesmo entrado nesses méritos. A insistência por parte dos foristas em debater os métodos a serem adotados para a difusão do veganismo chama atenção para um assunto que lhes é muito caro: o que fazer para que um número cada vez maior de pessoas decida mudar seus hábitos pelo fim da exploração animal. Marcelo, decepcionado, acredita que boa parte dos veganos querem apenas se sentir especiais, não provocar transformações reais.

Marcelo condena o que chama de “veganismo enquanto ferramenta de distinção”, em que cada ação ética é vista como um degrau numa escada de moralidade que culmina no selo de aprovação “vegano de verdade”. Ele não vê proveito em se julgar quem faz mais ou deixa de fazer tudo o que poderia, discussão que acaba se traduzindo em hierarquias. Insiste que o veganismo não deve ser exigido de todos para que sejam considerados sujeitos morais. Marcelo não entende por que os veganos se incomodam quando uma pessoa que excluiu carne, leite e ovos de seu consumo diz ser “vegana na medida do possível”, pergunta se isso se deve porque apenas eles são bons o suficiente para entrar no “clubinho”. Ele questiona também os motivos para se combater aquelas pessoas que, pelo rótulo soar chique, dizem-se vegetarianas.

Embora Sônia concorde que não se deve exigir o veganismo da maior parte das pessoas, é contrária à abertura de concessões, o que não tem, a seu ver, por finalidade manter um grupinho fechado, mas salvar a vida de milhões de animais. Sônia acredita que enquanto aceitarem “meio vegano”, estarão fortalecendo as práticas de quem pretende usar

o veganismo como simples nicho de mercado. A promoção do veganismo como status, em sua opinião, minaria todos os esforços realizados pelos veganos. Para Sônia, é preciso abolir o pensamento do “já faço demais, não venha me criticar”, pois é preciso estar aberto às críticas. Ela se considera em permanente estado de aperfeiçoamento. Livia já havia ressaltado a oportunidade que a comunidade abre para seus participantes “aperfeiçoarem o seu veganismo e ir além”.

A comunidade “Veganismo” pode ser considerada um espaço de subjetivação coletiva que torna possível a cooperação entre cérebros. Mesmo à distância, influi-se sobre os modos de subjetivação do outro. Os debates são importantes para que se defina como se configurará o campo dos cuidados de si, ou dos “cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos” (FOUCAULT, 1985, p. 58). O cuidado de si deve ser compreendido sempre como uma prática social, e nunca como um exercício da solidão, já que depende por vezes da relação com o outro, em seu papel de conselheiro, para se concretizar. As informações e os contatos estabelecidos via internet auxiliam na constituição desse cuidado para consigo.

5. Considerações Finais

O complexo modo de subjetivação dos veganos se deve à existência de, ao menos, dois campos de indeterminação na conduta moral proposta no veganismo que provocam variações nas intensidades do engajamento. O primeiro deles diz respeito às diferentes concepções do ideal de “libertação animal”. Em um paradigma anti-especista – isto é, que não compreende os interesses dos humanos acima dos interesses dos demais animais e que opta por não subjugar outros seres pelo fato de pertencerem a uma espécie diferente à nossa – seria correto considerar os seres humanos como animais, portanto como objetos de preocupação da ética vegana que preza pela libertação animal. O comprometimento com o que muitos veganos chamam de “libertação animal humana e não-humana” torna o combate a outros preconceitos, como o sexismo, a homofobia e o racismo, assim como a luta contra qualquer tipo de desigualdade social, questão de coerência. Tal compreensão do veganismo aproxima seus adeptos da luta de outros movimentos sociais, inclusive daqueles de índole anti-capitalista. Essa variação no discurso vegano é importante porque funciona como um diagnóstico do fim que se pretende atingir através da reestruturação das próprias condutas.

O segundo campo de indeterminação se refere ao limite a que se deve levar a ascese vegana, já que é de conhecimento de todos que a exploração animal está presente, direta e indiretamente, em todas as cadeias de produção industrial. O que se apresenta aqui é a questão da intensidade do trabalho sobre si mesmo, o que é indispensável e o que se pode abrir mão em nome da libertação animal. Embora os adeptos do veganismo se guiem pela recusa a toda forma de exploração animal, aderir a essa idéia significa estar sempre em negociação, definir a cada situação a forma que se deve dar à própria conduta, pois não existem regras definidas. Para Lazzarato, “aqueles que já trazem as respostas todas prontas (e eles são numerosos...) perdem o bonde do acontecimento” (LAZZARATO, 2006, p. 23). É o acontecimento que gera os questionamentos, que abre espaço à colocação de problemas: “O acontecimento nos faz ver aquilo que uma época tem de intolerável, mas faz também emergir novas possibilidades de vida. Essa nova articulação de possibilidades e de desejos inaugura, por sua vez, um processo de experimentação e de criação” (LAZZARATO, 2006, p. 12). Assim, a problematização proporcionada pelo acontecimento precisa dar origem a uma nova forma de pensar e de viver, que deve se expressar nas almas e se efetuar nos corpos através de agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos corporais. São os modos de subjetivação e as práticas de si os elementos essenciais à constituição do sujeito moral, portador da potência de transformação de si e da sociedade.

Com base no material empírico apresentado acima, é possível delinear algumas características presentes nos modos de subjetivação dos veganos que participaram das discussões dos tópicos “Vegetarianismo é crueldade” e “Enganação vegana”. A conduta moral exigida pelos participantes da comunidade “Veganismo” a todos aqueles que dela participam está baseada no “combate à exploração animal através da transformação do próprio modo de vida”. Pode-se considerar como substância ética desses códigos de condutas a relação entre homens e animais tendo como essencial as práticas de consumo, isto é, relações de exploração animal mediadas pelo mercado. Nos tópicos analisados, os modos de sujeição freqüentemente se dão a partir das seguintes questões: é preciso modificar as próprias condutas, pois os animais são seres sencientes – têm a capacidade de sentir prazer e dor, felicidade e sofrimento –, pois os animais têm seus próprios propósitos e porque os animais não podem se defender das agressões dos seres humanos. A elaboração do trabalho ético se dá sob o modelo do cuidado de si, do domínio de si, do aprendizado, do

recondicionamento, da negociação, da recusa e da concessão. A teleologia do sujeito moral, isto é, o objetivo a se alcançar com todo esse trabalho sobre si mesmo, é o fim da exploração animal, podendo incluir ou não o ser humano como objeto de consideração ética.

No decorrer dos tópicos, os veganos elencam algumas práticas que fazem parte dos seus cotidianos. Resumidamente, são elas: ter atenção àquilo que se consome; ler rótulos; conhecer ingredientes que podem ser de origem animal; buscar informações nos serviços de atendimento das empresas; negar-se a consumir; substituir produtos “na medida do possível”; e fugir dos industrializados. Embora considerem geralmente o veganismo um “aprendizado difícil”, seus adeptos costumam reconhecer a necessidade de manter um modo de vida ascético (respeitadas as diversas intensidades do ascetismo proposto) para preservar a coerência de sua luta. Para viver de acordo com suas convicções, portanto, é preciso elaborar um código de condutas que em muito difere daquele socialmente proposto.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 219-226.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *Ditos e Escritos: ética, sexualidade e política – vol 5*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAZZARATO, Maurizio. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005.

_____. A Felicidade Paradoxal. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORTEGA, Francisco. Amizade e Estética da Existência em Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

ROSE, Nikolas. The Politics of Life itself. *Theory, Culture & Society*, v.18, n.6, p. 1-30, 2001.

ROSE, N.; O'MALLEY, P.; VALVERDE, M. Governmentality. *Annual Review of Law and Social Science*, v. 2, p. 83-104, 2006.